

## **ÓRFÃOS DO ELDORADO: UMA POÉTICA DO CONFLITO ENTRE GERAÇÕES**

Angela Maranhão Gandier<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum, é mais um romance do autor amazonense em que o conflito entre gerações constituem um rico veio temático, perspectivado no horizonte mais amplo dos espaços socioculturais em que a narrativa se desenvolve, Manaus, as cidades ribeirinhas, o Rio Amazonas. A narrativa tem várias lendas nativas como moldura criativa, principalmente o lendário mito de Eldorado, espécie de paraíso tropical que alimentou o imaginário do período colonial. Nesse sentido, pretende-se investigar a narrativa de Órfãos do Eldorado, explorando as marcas características da obra ficcional de Hatoum, uma poética do conflito entre gerações.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *conflito entre gerações, lendas nativas, mito do Eldorado, Milton Hatoum.*

**RESUMÉ:** *Órfãos do Eldorado, de Milton Hatoum, est un roman qui traite du thème riche qu'est le conflit entre les générations est, vu dans le contexte plus large d'espaces culturels où le récit se déroule dans le Manaus, les villes fluviales en bordure du fleuve Amazone. Le récit encadre diverses légendes créatrices autochtones, notamment le mythe légendaire d'Eldorado, une sorte de paradis tropicaux qui ont alimenté l'imagination de la période coloniale. En conséquence, nous avons l'intention d'enquêter sur l'histoire de Órfãos do Eldorado et d'explorer les caractéristiques de l'œuvre romanesque de Hatoum, une histoire poétique du conflit entre les générations.*

**MOTS-CLÉS:** *conflit entre les générations, légends autochtone, mythe d'Eldorado, Milton Hatoum.*

**ABSTRACT:** *Órfãos do Eldorado, of Milton Hatoum, is a romance which explains the conflict between generations in a rich vein theme, seen in the broader context of cultural spaces in which the narrative unfolds, Manaus, river towns, the Amazon River. The narrative frames various creative native legends, especially the legendary myth of Eldorado, a kind of tropical paradise that fed the imagination of the colonial period. Accordingly, we intend to investigate the story of Orphans of the Eldorado, exploring the hallmarks of the fictional work of Hatoum, a poetics tale of conflict between generations.*

**KEYWORDS:** *conflict between generations, native legends, myth of Eldorado, Milton Hatoum.*

O romance *Órfãos do Eldorado* integra a Coleção Mitos, encomendada pela editora escocesa Cannogate e publicada no Brasil pela Companhia das Letras. Para realizá-lo, o autor manauense recorreu ao mito do Eldorado, não com o propósito de transformá-lo no tema central da novela, mas com a idéia de perspectivá-lo como um elemento narrativo que possui ressonâncias universalizantes, próprias dos mitos e de suas implicações no

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

imaginário social. Além disso, ele submete a narrativa à moldura de criação de outras lendas nativas da região amazônica, conferindo marcas de singularidade à obra justamente pela apropriação do imaginário mitológico de diversas etnias.

Em *Órfãos do Eldorado* o personagem principal é Arminto, filho de Amando Cordovil. Ressentido e em desacordo com o padrão social ao qual pertencia, Arminto é o personagem-narrador que conduz a narrativa fazendo-a oscilar entre os fatos rememorados e as lendas amazônicas que acabam por espelhar negativamente o destino dos personagens principais. Amando é apresentado como um pai distante e frio para quem o único e futuro herdeiro fora o culpado pela morte de sua esposa, que morreu justamente no momento do parto. As palavras do pai Amando – “Tua mãe te pariu e morreu” – dão a exata dimensão do sentimento de culpa que marcou o narrador pelo resto da vida. A aversão de Amando pelo filho era tamanha que sempre o manteve apartado de sua convivência e dos privilégios que a sua posição social poderia proporcionar ao filho.

A questão da herança e de herdeiros figura, portanto, como um tema de importância fundamental para o desenvolvimento da trama, no sentido que se pretende problematizar na obra posta em causa. Isto será feito à luz do pensamento de Jacques Derrida e Walter Benjamin, filósofos cujas teses sobre o ato de herdar situam-se em horizontes mais amplos de reflexão, que não tem relação com a idéia de herança de bens materiais. Para as questões propriamente literárias, Georg Lukács permanece como um guia incomparável para refletirmos sobre um tema caro ao pensador húngaro, a célebre distinção entre o ato de narrar e o de descrever. A escolha desses três teóricos, por sinal, deve-se ao fato de eles mesmos terem sido herdeiros de um certo pensamento marxista, que, evidentemente, ultrapassa o estreito círculo das surradas questões político-partidárias.

São necessárias, no entanto, algumas notas introdutórias sobre a produção ficcional do autor para, em seguida, explorarmos a temática da herança e do conflito entre gerações que alimenta a narrativa de *Órfãos do Eldorado*.

Essa obra apresenta pontos de convergência com os romances *Relato de um certo Oriente* – que talvez seja o melhor romance de Hatoum –, e *Dois irmãos*. Em ambos, o foco recai na crônica de dramas familiares em que o conflito entre gerações é o conteúdo temático recorrente. Nesse sentido, o esgarçamento dos valores éticos e dos laços afetivos, a bancarrota financeira, a decadência familiar e a errância dos personagens em busca de um sentido para suas existências constituem o núcleo problemático dessas obras.

Hatoum, no entanto, ancora a narrativa em uma amplitude de dimensões igualmente relevantes, tais como as transformações socioeconômicas por que passa não apenas a cidade de Manaus, mas o próprio Brasil, e a problemática da injustiça social à qual o autor procura dar um relevo especial.

Sobre o universo de Manaus e da Amazônia, Hatoum vem elaborando um constante exercício autocrítico cuja ênfase é não conferir à questão regionalista uma importância maior da que suas obras retratam, afastando-se assim, da “imagem que muitos leitores esperam de um escritor amazonense”. (HATOUM, 1996, p. 9). Ao invés de criar visões panorâmicas da região, procedimento que daria margem à descrição do exótico e à obviedade de clichês deformantes, Hatoum preferiu, como ele mesmo assevera, “usar uma lente de aumento para ver de perto um drama familiar”. (HATOUM, 1996, p. 9). Ocorre que, não apenas em *Órfãos do Eldorado*, mas nas obras anteriores, a narrativa não está circunscrita à esfera íntima das relações de parentesco: ela rompe este círculo e avança no intrincado jogo das relações sociais.

Portanto, seria um equívoco rotular o autor manauense de regionalista. Suas narrativas possuem temas universalizantes que não dizem respeito exclusivamente à cidade de Manaus ou à região amazônica.

Não é outra a temática abrangente de *Órfãos do Eldorado*. A novela inicia com o personagem-narrador, já velho e desvalido, vivendo na mais completa penúria. Considerado louco, é alvo do descrédito dos habitantes do local. Armindo Cordovil figura como um contador de histórias que relata suas memórias para um viajante que dele se aproxima por conta do acaso:

Ninguém quis ouvir essa história. Por isso as pessoas ainda pensam que moro sozinho, eu e minha voz de doido. Aí tu entraste para descansar na sombra do jatobá, pediste água e tiveste a paciência para ouvir um velho. Foi um alívio expulsar esse fogo da alma. A gente não respira no que fala? Contar ou cantar não apaga a nossa dor? (HATOUM, 2008, p. 103).

A referência a este interlocutor silencioso, cuja voz não se manifesta em momento algum, é feita mediante a criação de um segundo plano que é retomado no parágrafo final. Ao longo de toda a narrativa tomamos conhecimento do destino trágico que levou Arminto a uma situação de quase indigência e as razões que o levaram a um processo de auto-exílio. Por conta de todos os desacertos, o personagem fecha-se em si mesmo, devotado à memória dos afetos e desafetos do passado. As memórias culminam com a sua recusa e incapacidade de ter sido o filho perfeito com quem sonhara Amando Cordovil, o que iria multiplicar e não dilapidar o patrimônio da família:

Nossa vida não se cansa de dar voltas. Eu não morava nesta tapera feia. O palácio branco dos Cordovil é que era uma casa de verdade. (...) E olha só:

a fortuna cai nas tuas mãos, e uma ventania varre tudo. Joguei fora a fortuna com a voracidade de um prazer cego. (HATOUM, 2008, p. 14).

Ao herdá-lo, o patrimônio de Arminto já estava comprometido em virtude da crise da borracha brasileira que encerra um ciclo de prosperidade na região e ocasiona a falência de muitas companhias de navegação exportadoras do produto.

A existência de três personagens femininas teve profundas ressonâncias na vida do personagem: Angelina, a mãe morta cuja imagem fantasmática assombra Arminto com o sentimento de culpa; Florita, a companheira do pai e que se torna também amante do filho, e finalmente Dinaura, personagem dúbia e enigmática que se reveste do mistério da Cidade Encantada, constantemente evocado pelo personagem-narrador. A esse respeito, o próprio Milton Hatoum assinala que esse célebre mito lhe fora revelado pelo avô. Trata-se de um lugar maravilhoso que existe no fundo de um rio ou lago, "uma cidade esplêndida, exemplo de harmonia e justiça social onde as pessoas vivem como seres encantados. (HATOUM, 2008, p.107).

A certa altura da narrativa, Dinaura, a orfã nativa por quem Arminto apaixonase, desaparece misteriosamente. Tudo se passa como se ela tivesse sido atraída para o Eldorado mítico. Arminto se desespera, mas não perde a esperança de voltar a encontrá-la. Esta se torna uma idéia obsedante que persegue o personagem e o leva às raias da loucura.

Dinaura foi atraída por um ser encantado, diziam. Era cativa de um desses bichos terríveis que atraem as mulheres para o fundo das águas. E descreviam o lugar onde ela morava: uma cidade que brilhava de tanto ouro e luz, com ruas e praças bonitas. A Cidade Encantada era uma lenda antiga, a mesma que eu tinha escutado na infância. Surgia na mente de quase todo mundo, como se a felicidade e a justiça estivessem escondidas num lugar encantado. (HATOUM, 2008, p. 64).

Reza a lenda que as pessoas são atraídas por seres da água ou da floresta, um boto ou uma cobra sucuri, e só retornam à vida mortal pela mediação de um pajé cujo espírito viaja para a Cidade Encantada e pode ou não trazê-las de volta.

Nesse sentido, o título *Órfãos do Eldorado* refere-se aos filhos cujas mães foram arrastadas para a cidade mágica. Por outro lado, órfãos também acabam sendo os personagens centrais da novela. Desvalidos e deserdados de toda perspectiva utópica e redentora para a qual o mito aponta, eles foram conduzidos para o final trágico da morte, do abandono e da solidão. Arminto e Florita terminam seus dias na mais completa penúria; sobre a personagem Dinaura, o narrador toma conhecimento de que ela estaria enferma, vivendo em uma colônia de leprosos em alguma cidade situada dentro da mata profunda, chamada sugestivamente de Eldorado. Arminto, no entanto, nunca mais voltou a revê-la.

Por essa razão, o mito do Eldorado está entrelaçado ao destino dos personagens. A perspectiva utópica acenada pelo mito releva-se como o único meio dos personagens alcançarem a felicidade e a justiça, já que a realidade veta qualquer possibilidade nesse sentido.

A respeito do tema, Marilena Chauí nos dá uma dupla definição de mito, no sentido antropológico e no psicanalítico, que interessa assinalar porque apresenta correspondências com o que vimos demonstrar na obra de Hatoum. Para ela:

O mito no sentido antropológico é a solução para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos na realidade. Mito na acepção psicanalítica: impulso à repetição por impossibilidade de simbolização e, sobretudo, como bloqueio à passagem à realidade. (CHAUÍ, 2000, p.10).

Esse é o resumo em linhas gerais de *Órfãos do Eldorado*, perspectivado em função da interferência penetrante, embora difusa, do mito como estatuto fundador e moldura de criação. A partir de agora podemos examinar a obra de Hatoum de acordo com os pressupostos delineados na introdução desse artigo.

Problematizar a questão da herança à luz do pensamento de Derrida e de Benjamin implica o reconhecimento daquilo que ultrapassa a noção de herança como uma via de mão única. Para Derrida, "não há herança sem apelo à responsabilidade. Uma herança é sempre a reafirmação de uma dívida, mas uma reafirmação crítica, seletiva e filtrante." (DERRIDA, 1994, p.124). Evidentemente, o filósofo francês referia-se menos a uma herança pecuniária do que à herança de um espírito, pois seu texto trata de uma longa reflexão sobre o espírito do marxismo ao qual ele não estava disposto a renunciar.

Interessa trazer esse tipo de pensamento ao nosso exame da obra de Hatoum justamente para aprofundar o tema de herança e de herdeiros, perspectivando-o neste horizonte aberto à experiência da emancipação inscrita na dialética da alteridade, no acolhimento ao outro, na "produção de acontecimentos, de novas formas de ação e de prática." (DERRIDA, 1994, p.121).

Ora, a encenação do conflito de *Órfãos do Eldorado* não diz respeito apenas ao âmbito das relações familiares. Pelo contrário, Hatoum expande a narrativa no sentido de abarcar a lógica perversa da injustiça social brasileira, "feita de inúmeros sofrimentos singulares" (DERRIDA, 1994, p. 117), como sensivelmente Derrida se refere à vida de uma enorme parcela da população mundial. E prossegue o filósofo: "nenhum progresso permite ignorar que nunca, em número absoluto, nunca tantos homens, mulheres e crianças foram subjugados, passaram fome e foram exterminados sobre a terra." (DERRIDA, 1994, p.117).

Na recusa de herdar, o personagem-narrador de *Órfãos do Eldorado* condicionou essa recusa, acima de tudo, à negação do espírito de Amando Cordovil. Ao escavar o passado, Arminto toma conhecimento do que estava associado ao patrimônio da família: práticas desonestas, corrupção, exploração do trabalho e toda sorte de atos violentos que são dados a ver no decorrer da narrativa.

Já Walter Benjamin põe a questão da herança em outros termos. Para ele:

O passado traz um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? (...) Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi nos concedida uma fraca força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. (BENJAMIN, 1985, p. 223).

Há, portanto, pontos de convergência entre os dois filósofos no que tange à “fraca força messiânica” benjaminiana que, em Derrida, se traduz por uma “certa afirmação emancipatória e *messiânica*, de uma certa experiência da promessa que se pode tentar liberar de todo dogmatismo e mesmo de toda determinação metafísico-religiosa, de todo *messianismo*.” (grifos do autor). (DERRIDA, 1994, p.121).

A promessa, portanto, está no horizonte do *por-vir*, ela demanda ações e acontecimentos transformadores que, necessariamente, não estão fadados à realização, daí a utopia permanecer suspensa no arco da promessa.

Quanto às questões de análise literária que têm possíveis ressonâncias na obra de Hatoum, a nossa opção recaiu na distinção estabelecida por Lukács entre os atos de narrar e de descrever. Para nosso pensador, o escritor pode adotar duas orientações – a narração e a descrição – sobre as quais pesam propósitos e resultados distintos.

O ato de criação literária está estreitamente subordinado à posição que o escritor narrador assume diante da vida, “em face dos grandes problemas da sociedade e não do mero emprego de um método de representar o conteúdo ou parte de um conteúdo.” (LUKÁCS, 1968, p. 54).

Como no caso de *Órfãos do Eldorado*, a narrativa subjetivista, apoiada na confissão, é marcada por uma interiorização intensa que coloca em segundo plano a descrição de detalhes externos. Evidentemente há descrição, mas esse procedimento se vale apenas do essencial e elimina a supervalorização do detalhe supérfluo. Lembramos que o próprio Milton Hatoum adverte para o propósito de não compor painéis da paisagem amazônica, que decerto tenderiam para a descrição.

Para Lukács, as narrativas “só têm vida poética enquanto relacionadas com acontecimentos humanos”. (LUKÁCS, 1968, p. 54). Vejamos um trecho de Hatoum que privilegia a narração. Nele, Arminto reinicia a busca por Dinaura, seguindo uma pista de seu possível paradeiro:

Sáimos de Manaus numa lancha pequena, e no meio da manhã navegamos no coração do arquipélago de Anavilhanas. A ânsia de encontrar Dinaura me deixou desorientado. A ânsia e a lembrança da Boa Vida. A visão do rio Negro derrotou meu desejo de esquecer o Uaicurapá. E a paisagem da infância reacendeu minha memória, tanto tempo depois. Costelas de areia branca e estirões de praia em contraste com a água escura; lagos cercados por uma vegetação densa; poças enormes, formadas pela vazante, e ilhas que pareciam continentes. Seria possível encontrar uma mulher naquela natureza tão grandiosa? (HATOUM, 2008, p. 101).

Recordamos algo semelhante que Antônio Cândido observou no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. O casamento dos personagens Paulo Honório e Madalena é tecido de acordo com a moldura narrativa que privilegia a poética das relações humanas, como quer Lukács. Cândido destaca justamente “como a paisagem surge em pequenas cenas, incorporadas ao ritmo psicológico da narrativa.” (CÂNDIDO, 1992, p. 32). Não é outro o procedimento que observamos em Hatoum. O trecho citado revela que ele assimilou, à semelhança de G. Ramos, a idéia de não conferir à descrição uma importância maior, através da qual o escritor “procura fazer efeito, encaixando no texto, periodicamente, visões ou arrolamentos da natureza e das coisas”. (CÂNDIDO, 1992, p. 32).

Vimos que *Órfãos do Eldorado* exemplifica um cruzamento de práticas narrativas que colocam as obras de Milton Hatoum no cerne do romance moderno, em que as estratégias discursivas orientam-se no sentido de erigir como categoria principal da obra literária uma “poesia das relações humanas” (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 9).

De acordo com nossas considerações, apontamos que a perspectiva utópica na cena contemporânea não está destituída de vozes para dizê-la, mesmo que se adote uma via negativa. A dicção utópica mesma anima a criação da obra de que nos ocupamos nesse artigo. *Órfãos do Paraíso*, de Milton Hatoum, reflete o conflito entre gerações no que respeita à questão da herança, mas, como vimos, pode ensejar um produtivo debate sobre a permanência da utopia como veio fértil de criação e de reflexão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, v. I: magia e técnica, arte e política.** Traduzido por: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CÂNDIDO, Antônio. **Ficção e confissão.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

CARNEIRO, Flávio. **No país do presente: ficção brasileira no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

CHAUÍ, Marilena. Mito fundador e sociedade autoritária. **Folha de São Paulo**, Caderno "Mais", 2000, 26/03/2000, p. 6-11.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx.** Traduzido por: Annamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

\_\_\_\_\_. **Outrem é secreto porque é outro.** In: (DERRIDA, Jacques). *Papel-máquina.* Traduzido por: Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Coleção Mitos).

\_\_\_\_\_. **Dois irmãos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sobre o Relato de um Certo Oriente.** In: Literatura & memória. São Paulo: PUC-SP, 1996.

\_\_\_\_\_. **Memórias compõem meu chão literário.** Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/imprimir.asp?cod=476ASP004>. Acesso em: 20 de setembro de 2009.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura.** 2 ed. Traduzido por: Leandro Konder [et al]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo.** São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes. **Milton Hatoum: itinerário para um certo Relato.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2006